

4

Metodologia

4.1

Princípios metodológicos

“Como ator social, o pesquisador é um fenômeno político, que, na pesquisa, o traduz sobretudo pelos interesses aos quais serve. Donde segue: pesquisa é sempre também um fenômeno político, por mais que seja dotada de sofisticação técnica e se mascare de neutra”.

Pedro Demo – *Pesquisa, principio científico e educativo* (1999:14).

Como tenho procurado enfatizar, esta investigação se alinha à tradição de pesquisa qualitativa sociointeracional (Gumperz, 1982, 1982b), que se caracteriza, entre outros aspectos, pelo procedimento de gravar e desenvolver a análise de elementos presentes na prática da linguagem de dada comunidade discursiva, a fim de investigar como as pessoas compartilham a linguagem e criam seus significados. Uma vez que a conversa é uma prática universal, ela se torna um espaço privilegiado para co-construções sociais de toda a ordem, através de vários tipos de negociações complexas, no qual entram em jogo, entre outros elementos, o trabalho de face e a co-construção das identidades dos envolvidos. Esse tipo de pesquisa é caracterizada, entre outros aspectos, pela articulação da micro-análise de dados coletados com o contexto macro da interação (cf. Gumperz, 2002), que é o que proponho realizar aqui. Tenho também em mente que o processo de transcrição dos dados já é um processo de interpretação do investigador e a análise uma escolha que procura dar conta dos pontos a serem investigados.

Nesta pesquisa, levo em consideração as observações de Duranti (1997) a respeito da análise de dados. Considero, por exemplo, que a transcrição é um processo seletivo, ou seja, estarei ressaltando aquilo que for relevante para minha pesquisa. Tenho a percepção da impossibilidade de se captar totalmente a experiência de uma interação, nesse sentido; a transcrição nunca é perfeita. As transcrições que trago aqui não são transcrições finais ou definitivas, mas organizadas para um dado fim (cf. Mishler, 1986:48). Seguindo essa idéia, tenho como pré-suposto a noção de que o material original deve ser sempre confrontado com a transcrição a cada nova análise. É importante observar que na transcrição realizada aqui conservo marcas como, por exemplo, alongamentos e variações de entonação, embora elas não sejam analisadas,

por considerar que essas marcações representam melhor a linguagem oral. Outro aspecto salientado por Duranti e que tomo por princípio aqui é a idéia de que o analista deve ser o mais explícito possível sobre suas escolhas na representação da transcrição e ter em mente as implicações teóricas, políticas e éticas do processo de análise e de suas conclusões. Assim, é importante considerar que o pesquisador está localizado no mundo social da mesma forma que aqueles que lhes fornecem seus dados, ou seja, ele não é um observador à parte, mas está integrado no ambiente de pesquisa. Ele busca conferir inteligibilidade às práticas discursivas através das ferramentas teóricas que o auxiliam na prática interpretativa. O recorte daquilo que é interpretado depende das questões que direcionam a pesquisa. A análise de dados, por sua vez, não pode ser limitada apenas ao que é dito pelos participantes da entrevista, ela deve ser entendida como estando articulada dentro de uma grande teia de significações (cf. Geertz, 1989:18) que abrange, entre outras coisas, o como foi dito, quem disse e o contexto social (macro e micro) no qual a enunciação se dá.

Aqui toda a transcrição de dados é realizada com letras minúsculas. Assumo a posição teórica de que, ao não utilizar letra maiúscula, evito por em relevo um elemento em detrimento de outro. Na primeira coluna das transcrições utilizarei um símbolo ► para ressaltar momentos importantes da fala dos narradores, porém, nem sempre farei referência direta a esses momentos na análise. Utilizo o meu próprio nome (william) para indicar o pesquisador/entrevistador e, por motivos éticos, nomes fictícios para os entrevistados.

Como já coloquei anteriormente, uma vez que se tratam de relatos de estória de vida, na análise considero como *narrativa* a totalidade da fala dos entrevistados nas entrevistas. Dessa forma, as entrevistas serão analisadas na seqüência em que foram narradas, uma vez que, nesta pesquisa, a ordem na qual o enredo narrativo é estabelecido é importante para o estudo de como os narradores constroem suas narrativas. No entanto, em alguns momentos (que procurarei explicitar), por motivos específicos, poderei analisar fragmentos textuais que não aparecem em seqüência na entrevista. A análise está dividida em seções que posicionam as entrevistas em experiências comuns aos entrevistados. Assim, por exemplo, na seção “A conversão” analisarei a construção discursiva da experiência de conversão de cada um dos entrevistados. Essa organização permite uma melhor apreensão do processo de construção discursiva mostrando, inclusive, os pontos de contato entre cada uma das narrativas, bem como suas possíveis diferenças.

Dividi a análise em dois capítulos: no capítulo 5 analisarei, principalmente, a construção discursiva da *rede de mudança*, ou seja, como os narradores constroem a rede de relações que os levaram à conversão. No capítulo 6 analisarei o *fluxo de mudança* ou a construção discursiva de suas conversões propriamente. Questões como a construção da narrativa tendo por base a *perspectiva do presente*, a *construção identitária* e a absorção e manutenção dos *sistemas de coerência* permeiam ambos os capítulos.

No tópico a seguir desenvolvo mais a perspectiva metodológica que conduz esta pesquisa, abordando a questão entrevista de pesquisa e dos níveis de representação da experiência.

4.1.1

Entrevista de pesquisa e os níveis de representação da experiência

“Uma **análise** é, no final das contas, *um processo seletivo de representação de um dado fenômeno com o objetivo de iluminar algumas de suas propriedades*. Uma análise que tenha tentado reproduzir uma cópia perfeita de seus objetos não seria uma análise, ela nos traria de volta o objetivo do jeito que era. *Análise implica transformação*, para algum propósito”.

Alessandro Duranti – *Linguistic Anthropology* (1997:114).

A entrevista de pesquisa é uma ferramenta importante para a compreensão de como as pessoas estruturam suas narrativas (Mishler, 1986), bem como para compreender outros fatores como, por exemplo, o sentido que os indivíduos fazem de si mesmos e a sua compreensão do mundo e de suas experiências (Bastos, 2005:74). No entanto, isso não significa que a entrevista seja um instrumento de uso simples. Duranti (1997:103), por exemplo, lembra que reações às perguntas do pesquisador podem variar dependendo de inúmeros fatores e, também, chama atenção para o fato de que o pesquisador deve estar consciente para os modos como diferentes pessoas e comunidades compreendem o que seja uma entrevista. Duranti (idem:104) coloca ainda que o pesquisador tem uma grande responsabilidade em relação a como conduz e utiliza aquilo que lhe é dito em uma entrevista. O pesquisador deve sempre lembrar que ao obter uma informação de alguém ele pode gerar o sentimento de perda por parte do entrevistado e que a retomada de eventos passados pode reabrir antigas feridas e levar as pessoas a uma crise emocional. Assim, é importante que o pesquisador tenha uma sólida

reflexão sobre a natureza da entrevista de pesquisa e de suas características como instrumento de investigação.

Nesta pesquisa, seguindo Mishler (1986), parto do pressuposto de que a entrevista é uma forma de discurso. Assim, a entrevista deve ser entendida como “regulada e conduzida por normas de apropriação e relevância que fazem parte das competências compartilhadas por falantes como membros de uma comunidade” (idem:137). Ao assumir esse posicionamento, a pergunta feita pelo pesquisador e a resposta dada pelo entrevistado passam a ser consideradas como uma construção discursiva em conjunto.

Outra questão importante para esta pesquisa envolve o entendimento da narrativa em entrevista como uma forma de representação: elas nos possibilitam o acesso (parcial) a uma dada experiência e, em sua análise, o pesquisador busca ampliar a compreensão que temos a respeito de determinado aspecto da experiência humana. É tendo em vista essa compreensão que, seguindo Riesman (1993), considero que o pesquisador deve estar atento, minimamente, a cinco níveis de representação, ou construção da experiência, durante o processo de pesquisa:

1. Vivenciando a experiência

Esse nível de representação se refere à experiência em si. Ao estarmos envolvidos em uma experiência dirigimos nossos sentidos para aquilo que chama a nossa atenção, com isso não podemos estar conscientes de todos os seus aspectos. Mesmo neste primeiro nível já estamos fazemos escolhas e criamos, desta forma, a estrutura de nossas futuras representações da experiência. Nesta pesquisa, por exemplo, podemos relacionar esse primeiro nível de interpretação com a experiência de conversão do narrador; ao vivenciar sua experiência o indivíduo escolhe agir de uma maneira específica, ele/a lida com determinados sentimentos e ações, seus sentidos absorvem uma gama de sons, imagens, texturas, cheiros e sabores ao mesmo tempo em que deixam outras impressões de lado. A pessoa que vivencia uma dada experiência pode ainda estar buscando um determinado objetivo como, por exemplo, o de mudar a sua existência através da experiência de conversão religiosa. Assim, ela, diferente de uma pessoa que vive uma experiência sobre a qual só construirá sentido depois, enfaticamente pode escolher prestar atenção a determinados elementos e dirigir a sua ação para uma direção em detrimento de outra. De qualquer modo, as pessoas vivem suas experiências de maneiras específicas, contribuindo para múltiplas interpretações da realidade.

2. Contando sobre a experiência

Temos nesse momento a representação dos eventos organizados pela narrativa. Ao me recontarem suas experiências de conversão os entrevistados realizam um trabalho de organização de enredo conferindo atualidade a eventos que aconteceram há dois anos ou mais do momento da narração. O ato de narrar constitui, assim, uma tentativa de retornar à experiência, mas não é a experiência; a narração está condicionada ao contexto, às pessoas nele envolvidas e possui um fim determinado. No entanto, ao contar sua experiência, o narrador possibilita a si e aos que estão ao seu redor pensarem sobre ela.

3. Transcrevendo a experiência

Este nível se constitui no texto ou na “fixação” da narrativa. Sem esse mecanismo não poderíamos realizar inferências de como as pessoas falam: suas pausas, inflexões, ênfases, como assimilam sistemas de coerência e constroem suas identidades, como lidam com relações de poder e etc. Como nos níveis anteriores, a transcrição, também, envolve escolhas. Diferentes formas de transcrição carregam e dão suporte a diferentes interpretações e posicionamentos teóricos. Dessa forma, a construção do significado também está presente nas diferentes formas de se realizar a transcrição (Mishler, 1986).

4. Analisando a experiência

Momento no qual o investigador tenta criar sentido, segundo determinados posicionamentos teóricos, a respeito daquilo que foi dito pelo entrevistado/narrador. Há, nesse momento, uma gama de decisões a serem tomadas (forma, ordem, estilo de apresentação e escolha de fragmentos da narrativa). Mais uma vez o objetivo da pesquisa, os valores, posicionamentos políticos e teóricos influem na tomadas de decisão. O trabalho de análise, no entanto, nos possibilita a compreensão de determinado aspecto da existência a partir de uma perspectiva. Como coloca Riessman (1993:14), esse é um processo necessário e produtivo, uma vez que assim, podemos compreender uma estória de vida através de um artigo, livro ou dissertação.

5. Lendo a experiência

O último nível da representação é quando o leitor lê o trabalho final. Entra aqui a questão da leitura como uma prática interacional e plurivocal. O texto escrito é criado dentro de um contexto sócio-histórico e tendo-se em vista uma audiência e uma tradição

particular, envolvendo, ainda, interações de poder. Dessa forma, cada leitor construirá a sua interpretação no diálogo com o texto dependendo de suas contingências sociais e históricas.

A descrição dos níveis que trago aqui não deve ser entendida como invariável ou única. Primeiro, porque esses níveis podem ser compreendidos como estando conectados e não tão separados como a presente descrição poderia levar a supor e, segundo, porque cada pesquisador, ao confrontar sua própria pesquisa, poderá entender estes níveis através de uma perspectiva que venha ao encontro do que está buscando. Chego, assim, ao que posso qualificar de “limites da representação”: devemos compreender que não podemos falar de forma definitiva pelo outro. Todas as práticas de pesquisa possuem implicações e todas as formas de representação da experiência são retratos limitados. Isso, no entanto, não constitui um problema, uma vez que, como coloca Geertz (1989:15), a descrição etnográfica interpreta “o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis”. Geertz (1989:13) também nos lembra que “uma boa interpretação de qualquer coisa (...) leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar”.

É importante lembrar que, embora se refiram a experiências de vida importantes para os entrevistados, as narrativas se constituem de construções. E é exatamente estas construções que interessam aqui e não a busca de uma possível verdade (cf. Linde, 1993:68). O leitor deve ter em mente que o objetivo desta pesquisa se circunscreve à produção do discurso (cf. Mishler, 1986:48). Nesse processo de produção o significado é dinâmico porque ele é construído na interação entre as pessoas: narrador, ouvinte, pesquisador/analista e leitor. O significado é fluido e contextual (não fixo, não universal). Dessa forma, dar voz a uma experiência não é se comprometer com a visão do narrador, mas sim possibilitar um coro de vozes.

Outra questão importante é a natureza da condução da entrevista de pesquisa. A abordagem utilizada aqui é a de entrevistas não estruturadas, ou seja, não trabalho com um conjunto de perguntas pré-formuladas. Há um tema a ser abordado que é a experiência de conversão dos entrevistados, mas as perguntas são feitas dentro da entrevista de acordo com o rumo que ela toma na interação. Procuro, também, ouvir com o mínimo de interrupção e ligar minhas questões e comentários ao que os narradores falam a respeito de suas experiências de conversão religiosa. Esse

posicionamento proporciona espaço para o entrevistado desenvolver sua narrativa mais livremente (ao contrário do que poderia acontecer em uma entrevista estruturada ou semi-estruturada, por exemplo), ao mesmo tempo em que possibilita ao pesquisador uma visão mais abrangente desse processo de construção discursiva.

A seguir trago a caracterização dos dados, descrevo o histórico e o processo da pesquisa.

4.1.2

Caracterização dos dados

“No fundo, obviamente, as características do relato narrativo de um informante a respeito das quais um investigador escolhe escrever estão ligadas ao desenvolvimento da questão de pesquisa, aos posicionamentos teórico/epistemológico valorizados pelo investigador e, mais freqüentemente do que se pensa, à sua biografia pessoal. Se essa circularidade faz com que alguns leitores se sintam desconfortáveis, eu posso apenas oferecer o conforto da longa tradição da investigação interpretativa e hermenêutica. A análise atenta da narrativa obtém a sua legitimação dessa tradição e também a ampla para novos caminhos”.

Catherine Riessman – *Narrative Analysis* (1993:61).

Na análise, investigo as histórias de vida de quatro pessoas que, como observei na introdução, possuem históricos de conversão a diferentes igrejas evangélicas localizadas na cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, o primeiro requisito foi o de que tivessem se convertido a alguma igreja evangélica depois de terem tido outras experiências religiosas que não fossem de natureza evangélica.¹ Essa característica é essencial, pois torna possível ao narrador construir discursivamente a transformação de um dos aspectos de sua identidade social, que é a identidade religiosa e possibilita ao pesquisador analisar como o entrevistado realiza essa construção através da narrativa.

A primeira dessas pessoas é um homem moreno de quarenta e cinco anos de idade, casado, pai de dois filhos, morador da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, que ascendeu socialmente chegando à formação de advogado, e que me concedeu a entrevista no primeiro semestre do ano de 2003. Esse entrevistado, que aqui chamarei de Gloster, é o mais próximo do pesquisador, havendo ambos participado de atividades esportivas em conjunto por mais de dois anos no momento da entrevista. Ao contar a sua história de vida, ele narra o momento de sua conversão como pleno de conflitos de

¹ Nesta pesquisa não houve ninguém que tenha sido ateu, mas essa também seria uma experiência válida como requisito para a pesquisa.

valores e fortemente influenciado por padrões conservadores de gênero. O local da entrevista foi o escritório de advocacia do entrevistado, localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro.

A segunda entrevista foi realizada em setembro de 2003, com um homem de vinte e seis anos, branco, solteiro, professor com terceiro grau, morador da zona norte da cidade do Rio de Janeiro e que desenvolve um relato no qual a sua conversão se relaciona a conflitos familiares, escolhas em sua adolescência e ao seu relacionamento amoroso. O local da entrevista foi a sala da residência do pesquisador. O entrevistado, que é chamado de Puck, também é conhecido do entrevistador, mas seus encontros se dão de maneira irregular.

Na terceira entrevista, realizada em janeiro de 2004, temos o relato de conversão de uma mulher (que aqui será chamada de Cordélia) de vinte e cinco anos, casada, estudante de pós-graduação, moradora da zona norte da cidade do Rio de Janeiro e que em sua narrativa de conversão ressalta os conflitos na escolha da religião adequada, envolvendo a relação familiar e a busca por um relacionamento afetivo estável. A entrevista se deu na sala da casa da entrevistada e sua relação com o pesquisador se constitui em ter sido sua colega em um curso oferecido na faculdade. Depois desse período, eles não se encontraram mais.

Na quarta e última entrevista, realizada em outubro de 2004, temos a narrativa de estória de vida de uma mulher de quarenta e seis anos, solteira, mãe de um filho, enfermeira e moradora da baixada fluminense (cidade de Nilópolis). Na entrevista ela narra os conflitos iniciais que envolveram a sua primeira escolha religiosa, o encontro com o pensamento oriental através de seu contato com as idéias de Osho (um líder espiritual) e a sua experiência de mais de vinte anos como mãe-de-santo no Candomblé (religião afro-brasileira) antes de se converter ao protestantismo. A experiência de conversão de Miranda (nome fictício) envolve as frustrações com a religião anterior e problemas de saúde. Ela foi a única pessoa que o pesquisador não conhecia previamente. Os contatos foram feitos através de uma amiga em comum e depois por telefone. A entrevista foi realizada em um restaurante no centro da cidade de Nilópolis.

As entrevistas foram gravadas em áudio, tendo em média a duração de uma hora cada uma delas. A primeira entrevista, realizada com Gloster foi a que mais se estendeu, tendo a duração de cerca de uma hora e trinta minutos. As transcrições foram sempre iniciadas no dia posterior às entrevistas a fim de evitar a perda de possíveis elementos

de importância para a análise que, porventura, não aparecessem de forma clara na gravação.

Como coloquei anteriormente ao abordar a questão da entrevista de pesquisa, os dados, ou o texto das entrevistas, serão entendidos como um ato de comunicação, de um diálogo (Mishler, 1986), estando aí compreendido a interação (cf. Bakhtin, 1992:117-123). Sigo a mesma linha de pensamento de Stanley Fish (1992:159) quando observa que “a interpretação não é a arte de entender, mas sim a arte de construir”; nesse sentido, não estarei meramente buscando um determinado entendimento do texto das histórias de vida dos entrevistados, mas dialogando com o mesmo na medida em que negocio com os dados a formação do significado (cf. Moita Lopes, 1995:350). A respeito dos resultados, Mishler (2002:116) nos lembra que eles

“não são imutáveis, universais e atemporais, mas, isso sim, sempre tentativos, continuamente revisados à luz de novas descobertas que funcionam como finais de histórias que mudam nossa compreensão do conhecimento passado e apresentam novos problemas para serem estudados, que não haviam sido previstos antes”.

Compreendo que assumir essa abordagem é, antes de tudo, manter-se aberto a novas formas de compreensão do objeto de pesquisa e levar em conta as possíveis limitações dos meus achados.